

RELAÇÕES ENTRE O MORAR E O “SER DO” RESIDENCIAL LONDRES EM PONTA GROSSA-PR

RELATIONS BETWEEN THE LIVING AND THE “BELONG TO” THE RESIDENTIAL LONDRES IN PONTA GROSSA-PR

RELACIONES ENTRE EL VIVIR Y EL “SERDO” RESIDENCIAL LONDRES EN PONTA GROSSA-PR

Pedro Crist

Universidade Estadual de Ponta Grossa
pedrocris12011@hotmail.com

Almir Nabozny

Universidade Estadual de Ponta Grossa
almirnabozny@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa na qual buscou-se compreender as experiências de habitações dos moradores do Conjunto Residencial Londres em Ponta Grossa-PR, na composição da vivência espacial atual, suas respectivas percepções e entrecruzamentos com questões estruturais da cidade capitalista, tendo como elemento articulador o acesso à moradia por meio de políticas públicas. O desenvolvimento do trabalho foi sustentado por metodologia qualitativa, especialmente entrevistas semiestruturadas, gravadas, transcritas e, posteriormente interpretadas. Dentre os resultados obtidos destaca-se uma intensa interação solidária entre a vizinhança como elemento central da produção de um espaço de pertencimento, também mediado pela valoração positiva da residência atual concebida dialeticamente em relação ao estado precário de suas antigas moradias, em geral irregulares e localizadas em áreas de riscos ambientais. Embora a questão do espaço da experiência referencie uma apreensão compreensiva de mundo, tanto nas referências bibliográficas, quanto na configuração da percepção da “produção do espaço urbano”, ressalta-se que esses elementos são oriundos de uma leitura política crítica dos moradores, fenômeno que interpretou-se como configurado pelas experiências vividas diretas com o Estado no âmbito da luta pelo morar.

Palavras-chave: espaço urbano, residencial popular, morar.

Abstract

This article is the result of a survey, in which we attempted to understand the experiences of housing of the current residents of the Residential Londres, located in Ponta Grossa-PR, in the composition of the current space experience, their respective perceptions and crossovers with structural issues of the capitalist city, with its central element the access to housing through public policies. The work development was supported by qualitative methodology, especially with semi-structured interviews, recorded, transcribed and later interpreted. Among the results of the research, we highlight an intense supportive interaction between the neighborhood as a central element in the production of a membership of space, also mediated by positive assessment of the current residence designed dialectically in relation to the precarious state of their old houses, at an irregular space and located in areas of environmental hazards. Although the issue of the space experience is to reference a comprehensive grasp of the world, both in the references, the configuration of the perception of "production of the urban space", it is emphasized that these elements are from a critical political reading of the residents, a phenomenon that read themselves as configured by direct experiences with the state in the fight for the living.

Keywords: urban space, popular residential, living.

Resumen

El presente artículo es resultado de una pesquisa en que se buscó comprender las experiencias de habitaciones de los habitantes del Conjunto Residencial Londres en Ponta Grossa-PR, en la composición de la vivencia espacial actual, sus respectivas percepciones y entre cruzamientos con cuestiones estructurales de la ciudad capitalista, teniendo como elemento articulador el acceso a vivienda por medio de políticas públicas. El desarrollo del trabajo fue sostenido por metodología cualitativa, especialmente entrevistas semiestructuradas, gravadas, transcritas y, posteriormente interpretadas. Entre los resultados obtenidos se destaca una intensa interacción solidaria entre la vecindad como elemento central de la producción de un espacio de pertenecimiento, también mediado por la valoración positiva de la vivienda actual concebida dialécticamente en relación al estado precario de sus antiguas viviendas, en general irregulares y ubicadas en áreas de riesgos ambientales. Aunque la cuestión del espacio de la experiencia referencie una aprensión comprensiva de mundo, tanto en las referencias bibliográficas, cuanto configuración de la percepción de la “producción del espacio urbano”, se resalta que esos elementos son oriundos de una lectura política crítica de los habitantes, fenómeno que se interpretó como configurado por las experiencias vividas directas con el Estado en el ámbito de la lucha por el vivir.

Palabras-clave: espacio urbano, residencial popular, vivir.

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver a pesquisa sobre o Residencial Londres em Ponta Grossa-PR teve como principal fundamento a complexidade envolvida na construção de residências consideradas populares e os processos constituídos desde a seleção dos mutuários até as relações tecidas pelos moradores que ocupam essa categoria de residência. No município de Ponta Grossa, localizado na região fitogeográfica dos Campos Gerais, no Estado do Paraná, notou-se a partir de observações empíricas, um intenso processo de construções de moradias populares, sobretudo nos últimos anos, alinhavadas pelo Programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida (PMMV).

Inicialmente, o intento em realizar uma pesquisa científica sobre o Residencial Londres se pautava em uma leitura estrutural, enfocando, sobretudo, em uma possível ausência de equipamentos urbanos no Residencial e nas proximidades (elementos característicos de uma imagem de periferia habitada por pessoas de baixa renda. A localização da área de estudo em relação aos bairros de Ponta Grossa pode ser observada na figura 01). No entanto, no transcorrer das revisões bibliográficas para a realização da pesquisa, percebeu-se que havia um número considerável de trabalhos, versando sobre questões estruturais de residenciais populares e uma frequência menor, abordando o próprio morador, considerando suas visões e percepções ancoradas na vivência do morar.

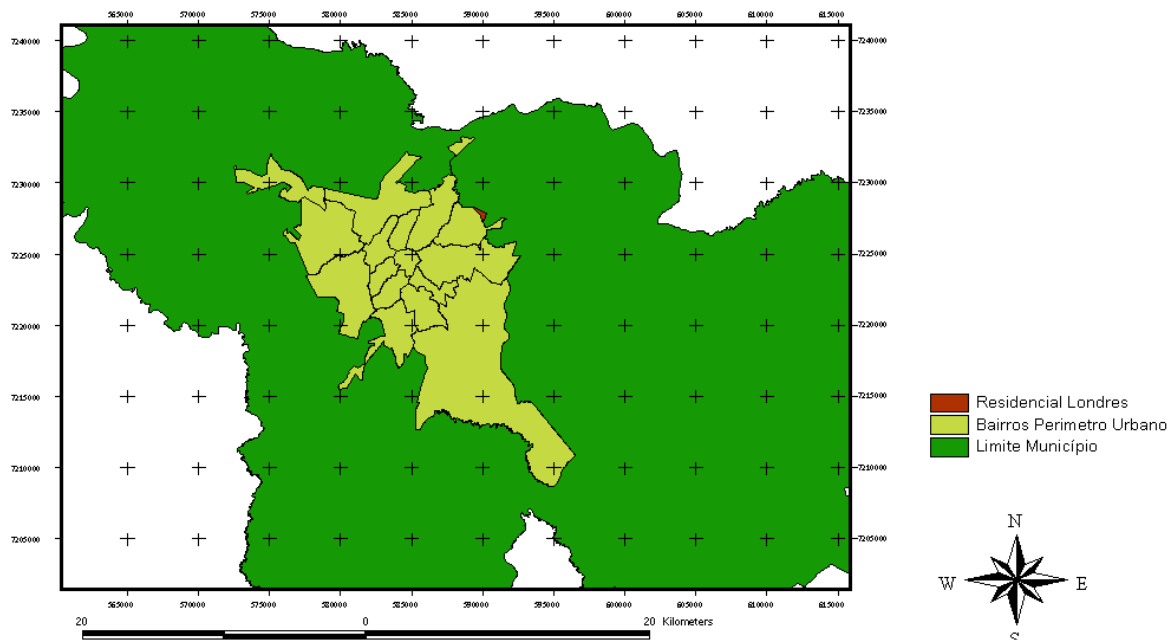


Figura 01: Localização do Residencial Londres na franja urbana de Ponta Grossa-PR

Fonte: IBGE(2010). Org: autores, 2014

Embora o âmago da pesquisa fosse a compreensão de como ocorria a composição do espaço vivido dos moradores, questões estruturais como renda, relações com o Estado, entre outros, não foram vilipendiados. Enquanto constituição do espaço vivido, considerou-se uma temporalidade apreendida pela experiência do morar, ou seja, objetivando o residencial e o estar no mesmo, em um processo mais amplo, além do espaço enquanto um absoluto/receptáculo. Muito embora contido também, pelo substrato material, consideram-se elementos relativos, por vezes intangíveis. Neste sentido, compreende-se o espaço constituído por relações sociais, sobretudo o espaço urbano, assim construído socialmente e constituído por relações entre grupos sociais (MASSEY, 2008).

Neste ínterim, configuraram-se nas perspectivas das investigações, a busca por compreender as relações tecidas nas moradias anteriores. A veemência em saber se as relações estabelecidas antecedentes interferem, ou não, nas relações atuais parte do pressuposto de que quando alguém “fixa” moradia em uma localidade, cria propensões tanto para apreensões tofóbicas, quanto de pertencimento a uma espacialidade experienciada. Desta forma, o sujeito pode se ver como parte daquele *pedaço-espacial* no mote de um reconhecer identitário nas relações estabelecidas com os vizinhos, etc.

Na interseção com elementos estruturais, a pesquisa buscou interrogar os moradores quanto as suas percepções (e autopercepções) em relação ao espaço urbano enquanto socialmente produzido. Enfocando-se a produção como fruto de ações de agentes produtores do espaço e suas respectivas funções em uma sociedade capitalista de classes.

Em termos teóricos, a problemática habitacional é contemplada a partir da ótica contraditória da produção do espaço urbano em uma sociedade capitalista de classes. Embora os textos de Corrêa (2003) e

Carlos (2008), por exemplo, produzem inteligibilidade dos processos estruturais em que o espaço urbano é seletivamente apropriado e conseqüentemente expliquem a localização relativa dos moradores do Residencial Londres, há também no trabalho um ensejo em produzir uma análise crítica a partir dos relatos dos moradores. Mesmo assumindo uma postura crítica em relação ao papel do Estado, há um reconhecimento de seu potencial em termos de constituição de uma “justiça social”, neste aspecto a descrição empírica da vivência dos moradores, suas subjetividades, entre outros aspectos fundados na experiência do morar, tem um caráter consoante com as argumentações de Santos e Vogel:

Cidades não são objetos idealizáveis abstratamente e nunca se comportam de acordo com as fantasias de quem as trata desta forma. São concretizações de modelos culturais, materializam momentos históricos e se desempenham como podem, tendo de comportar conflitos e conjugações que se armam e desarmam sem parar e em muitos níveis (1985, 07).

Santos e Vogel (1985) destacam que os políticos e planejadores (em geral representantes do Estado), tendem a conceber como terminado os processos urbanísticos quando da realização de uma obra, neste caso o residencial popular. Pelo contrário, para os autores é quando realmente começa. Neste aspecto o estudo ao enfocar também o uso do espaço, “em última instância trata-se de saber de *quem* é o espaço, o *quê* se pode fazer com ele e *quando* é mais conveniente fazê-lo”. (SANTOS e VOGEL, 1985. p.07).

Não obstante, na descrição dos usos e percepções é visualizado a partir das falas dos moradores, uma perspectiva crítica em relação aos telhados das casas, a distribuição da rede de ensino e reclamações quanto a localização dos estabelecimentos de atendimento de saúde pública. Contudo, em um segundo momento, os moradores expressam com entusiasmo o acesso à casa própria, especialmente em comparação a instabilidade da propriedade das casas anteriores e no caso daqueles que possuíam residência fixa, é possível cotejar que as mesmas eram insalubres e situadas em áreas consideradas de risco ambiental. Portanto, das descrições de falas apresentam-se o espaço tal como um mosaico de lugares relacionado aos valores e a memória e uma organização funcional e ecológica (BUTTIMER, 1982), bem como a experiência no mundo articulada pelas redes de interações, no caso do estudo em tela, a solidariedade entre vizinhos são importantes expressões dos sujeitos corporificados¹ (materialidade fenomênica) e ao mesmo tempo condicionada pelos aspectos hegemônicos da produção social do espaço urbano na cidade capitalista (materialidade histórico-social).

Assim, o título do artigo aponta o propósito de discutir sobre o “morar” no Residencial Londres e o “ser do” Residencial Londres, compreendendo que são conceitos distintos. Neste contexto, o “morar” pode estar ligado com o uso do espaço especificamente, enquanto que o “ser do” remete que o espaço não é um receptáculo ou um papel em branco, mas “O espaço torna-se um horizonte da própria existência. É um horizonte a ser conquistado, defendido, explorado, utilizado e dominado de modo a ser feito concordante

1 Maiores detalhes sobre a discussão entre “sujeitos e Geografia”, consultar o trabalho de Lima (2014).

com os propósitos humanos” (SCHRAG, 1969 *apud* BUTTIMER, 1982. p.179), está relacionado com o sentimento de pertencimento, entre outros aspectos.

O mote teórico que aproxima uma leitura crítica da produção social do espaço com debates mais afinados com o papel existencial da “conquista do espaço”, já fora apontado em trabalhos com enfoque teórico² enquanto incursões validadas epistemologicamente na História da Geografia. Por outro lado, o trabalho em tela destaca uma prática de pesquisa balizada por essa aproximação de “correntes” teóricas.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, principalmente porque a ênfase das discussões dos dados produzidos foi a interpretação das falas expressas nas entrevistas. Embora não cite todos os artigos, consultaram-se, na íntegra, os textos presentes na obra “*Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*”, organizada por Bauer e Gaskell (2002).

Um dos entraves iniciais para o desenvolvimento da investigação científica consistia no número de entrevistas que seriam necessárias. Primeiro, em decorrência do tempo de realização das interlocuções com moradores e posterior transcrição das entrevistas e suas respectivas análises. Segundo, porque um número gigantesco (*corpus*) de entrevistas talvez não fosse necessário para chegar aos resultados qualitativos pretendidos. Em alguns casos as entrevistas começam, em um determinado ponto, a se tornarem repetitivas, pouco ou nada se agrega de novo ao conteúdo. Quando isso acontece, o pesquisador opta em parar as entrevistas. Em síntese, alguns fatores são limitantes no tamanho do *corpus* da pesquisa. Neste caso em específico, os fatores limitantes foram o tempo e a repetição de elementos contidos nas falas dos moradores, dessa forma, escolhemos como norte para a realização das entrevistas o procedimento de saturação (BAUER e GASKELL, 2002), ou seja, optamos por encerrar a realização das entrevistas no momento em que não ocorreram grandes variações nas informações contidas nas falas dos moradores entrevistados.

Para a efetividade do trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 (dez) moradores do Residencial Londres, sendo oito mulheres e dois homens. As entrevistas ocorreram durante os meses de junho e julho de 2014. A identificação dos moradores ocorreu por meio de numeração de 01 (um) a 10 (dez). Após as entrevistas, foram feitas transcrições e análises e, posteriormente, foram elaborados quadros com elementos repetitivos nas falas, isto é, questões centrais em suas apreensões do morar e estar no Residencial, os elementos significativos e constitutivos do espaço de vivência.

Ressalta-se que a interpretação efetuada através de transcrições de entrevistas é deveras relevante, quando o objetivo é compreender o ponto de vista do outro, ou o entendimento do outro em relação a determinado fenômeno. Isso ocorre pela enorme variedade de elementos expostos na fala da pessoa

2 Gomes (1996) e Almeida (2008) falam de um marxismo humanista, e Albet I Mas (1988) disserta sobre a valorização de ligações entre uma Geografia Radical e Humanista.

entrevistada, entretanto, a transcrição da entrevista deve ser a mais fidedigna possível. De acordo com Gill (2002, p.251):

Uma boa transcrição deve ser um registro tão detalhado quanto possível do discurso a ser analisado. A transcrição não deve sintetizar a fala, nem deve ser “limpada”, ou corrigida; ela deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis da fala.

Um dos motivos em desenvolver a análise utilizando a metodologia de pesquisa qualitativa, consistiu no fato do trabalho abordar temáticas que envolviam relações sociais, assim, esta pareceu ser a mais adequada, especialmente por se tratar de uma metodologia com característica marcante, de dar “voz ao objeto de estudo”. Deste modo, os trechos de entrevistas citados no decorrer do artigo são traduções literais dos *momentos de fala*. Embora evidenciem um caráter ilustrativo, são, na verdade, trechos representativos das demais afirmações contidas nos outros discursos dos moradores (trechos sínteses).

A realização das entrevistas ocorreu por meio de um diálogo no qual os sujeitos (entrevistados) puderam expressar algo repleto de sentidos, assim, a entrevista configura-se enquanto um relato também prazeroso ao morador e, ao mesmo tempo, maximizando a confiabilidade em relação ao entrevistador. Ainda que com um roteiro de entrevista semiestruturada, não se buscou um ordenamento prévio das conversas, mas, provocando os moradores a refletirem sobre as suas experiências de mundo, como eles percebem a “construção da cidade” e as respectivas implicações em suas condições de moradias anteriores, relações com a vizinhança anterior e atual, dentre outros elementos.

Além da produção de dados primários, também se efetivou a coleta de dados secundários, entendendo por dados primários, aqueles obtidos em campo, neste caso, por meio das entrevistas, e por secundários, os dados auferidos por meio de análise documental. Como fonte de dados secundários, investigou-se a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (PMPG), por meio do Departamento de Patrimônio e a Companhia de Habitação de Ponta Grossa (PROLAR). Na prefeitura foram realizadas conversas sistemáticas com o representante do Departamento, com o propósito de obter informações detalhadas sobre o objeto de estudo, como por exemplo, o ano do decreto que regulamenta a construção do residencial, ano de construção, processo de seleção dos mutuários, perfil dos moradores, qual a porcentagem das casas que a prefeitura, por intermédio do Departamento de Patrimônio, estava incumbida de promover a ocupação, dentre outros elementos. Também na PMPG, foram acessados documentos com o perfil dos moradores encaminhados para o Residencial Londres e o cadastro socioeconômico dos mesmos.

Quanto a PROLAR, foi realizada uma “conversa sistematizada” com a assistente social responsável pelo supracitado residencial, com a intenção de adquirir dados referentes aos mutuários, como condição de moradia antecedente, local de origem da família encaminhada ao Residencial, dentre outras qualificações. Embora os dados secundários não sejam explorados diretamente no decorrer do artigo, cita-se esses

procedimentos, uma vez que os dados implicitamente substanciam as interpretações qualitativas, especialmente vinculadas as falas dos mutuários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O espaço urbano tem sido objeto de estudo sob muitos vieses, em especial a temática do morar. Isso decorre das grandes movimentações do setor imobiliário e da construção civil. Nestes setores, tem se destacado, sobretudo nos últimos anos, a construção de conjuntos habitacionais promovidos por políticas públicas que visam atender pessoas que não possuem condições de auferir a casa própria no mercado imobiliário considerado convencional, assim como se tenta reduzir o deficit habitacional existente no Brasil.

A tentativa do poder público em resolver os problemas habitacionais ocorre de diversas formas. Segundo Faria e Calixto (2008), uma das tentativas mais contundentes, efetivas e plausíveis do poder público é a promoção de construções de conjuntos habitacionais direcionados às pessoas que não possuem condições de arcar com os elevados custos da tão sonhada casa própria. No entanto, as autoras enunciam que os problemas no deficit habitacional no país é ainda mais grave do que aparenta. Mesmo com as flexibilizações do governo na obtenção de linhas de crédito, a inserção de juros mais baixos, dentre outros fatores, um contingente considerável da população brasileira ainda não tem como pagar as parcelas do financiamento da moradia por menor que elas sejam. No que diz respeito à participação do mercado imobiliário na produção/construção de casas populares, tem-se construído residências com dimensões de 34m² a 40m². Vale ressaltar que, no Brasil, este tamanho não é proporcional ao número de residentes (DIAS, 2006).

Outro fator que vem ocorrendo na diminuição do tamanho das residências populares no Brasil, de acordo com Dias (2006), é a ausência ou redução na dimensão de cômodos como a cozinha. Hoje, em virtude do ritmo de vida das pessoas, a cozinha tem se tornado cada vez menos importante, pois os indivíduos não encontram tempo para alimentar-se em casa ou para fazer a refeição com a família reunida. Todavia, essa constatação não é fidedigna com os hábitos populares observados no Residencial Londres. A diminuição do tamanho das residências tem sido ótimo para as construtoras, no sentido do custo-benefício, pois quanto menor, menos será o tempo empregado na obra e menos material será utilizado, assim sendo, reduz-se o custo da construção. É dessa maneira que as construtoras têm participado na construção de casas populares no Brasil.

Neste ínterim, para além da habitação em si, o morar possui notável relevância no que diz respeito às condições de vida das pessoas, porque assim como a alimentação, o morar se caracteriza enquanto um direito fundamental para a sobrevivência (CRIST, 2014).

As áreas residenciais compõem considerável parcela do espaço urbano, sendo *loci* em que vive atualmente a maior parte da população. Quanto ao espaço urbano, no que concerne a sua produção/reprodução, considera-se como um conjunto de diferentes usos justapostos entre si, da terra nas

idades, como áreas de comércio, serviço, habitação, entre outros (CORRÊA, 2003). Assim, “este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade, ou simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado” (CORRÊA, 2003, p.07). Ainda em consonância com o autor “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (CORRÊA, 2003, p. 07).

Conforme Corrêa (2003), o espaço urbano é produto social, oriundo de atividades acumulativas por meio do tempo e das ações engendradas pelos agentes que consomem e produzem o espaço. Segundo o autor, são cinco os principais agentes produtores do espaço urbano: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos da propriedade da terra urbana.

Sendo o espaço urbano socialmente construído (CORRÊA, 2003), compete pensarmos em sua adjetivação geográfica, desse modo, Santos (2008) concebe o espaço geográfico enquanto reflexo e condição da sociedade, assim o espaço seria condicionante para a reprodução de atividades desenvolvidas e o reflexo dessas atividades consistiria, também, para reprodução da sociedade, dessa maneira:

O espaço é produto das relações sociais engendradas historicamente e, ao mesmo tempo, apresenta-se como condicionante fundamental para a reprodução de tais relações. Através do processo de produção, tomado em sentido amplo, são criadas condições que possibilitam a sua reprodução espacial, bem como das diferentes classes sociais e suas frações (NASCIMENTO, 2008, p.03).

O espaço urbano, produzido através de interesses de determinados grupos sociais, cria propensões para existência de vários processos referentes à produção/reprodução dessa dimensão do espaço geográfico, dentre os quais denota-se o processo de segregação socioespacial, o qual, em geral, ocorre em virtude da seleção de melhores espaços a serem utilizados por grupos sociais dominantes. Isso se evidencia com frequência no que tange as questões envolvendo as áreas de habitação. A distinção entre áreas habitadas por diferentes grupos sociais é perceptível no cenário urbano das cidades brasileiras, desde as consideradas como porte médio até as grandes metrópoles. Neste âmbito, Ponta Grossa pode ser considerada como uma cidade de porte médio, em consonância com as ligações que exerce com as cidades que a circundam e por ser a cidade de maior expressão financeira, núcleo urbano e outros fatores na região dos Campos Gerais do Paraná (GUIMARÃES, *et al*, 2005).

A segregação residencial promove um aspecto heterogêneo no que diz respeito ao cenário urbano das cidades. O processo de segregação residencial é mais perceptível quando observado os conjuntos habitacionais promovidos por políticas públicas, com o intento de atender pessoas que não possuem condições financeiras de participarem do mercado imobiliário convencional para aquisição da casa própria.

O espaço urbano tem sua produção/reprodução e seus usos de acordo com os processos de produção e reprodução do capital no sistema capitalista vigente, tanto para os meios de produção, os produtores imobiliários, os proprietários fundiários, o Estado, etc. Desse modo:

Finalmente o uso residencial será determinado pelo papel que cada indivíduo ocupará (direta ou indiretamente) no processo de produção geral da sociedade e, conseqüentemente, de acordo com o lugar na distribuição da riqueza gerada (CARLOS, 2008. p. 86).

Segundo Carlos (2008), a segregação residencial também origina-se porque a população menos provida de recursos financeiros, procura áreas mais distantes das áreas centrais da cidade, fixando-se na franja urbana onde existe a possibilidade da autoconstrução e não existe infraestrutura, esta busca ocorre, segundo a autora, devido à existência de terrenos mais baratos nessas áreas. No que se refere à produção do espaço urbano merece destaque o Estado, isso ocorre porque esse agente tem a possibilidade de atuar enquanto mais de um agente produtor/reprodutor, podendo, em alguns casos, agir enquanto cinco agentes produtores do espaço urbano ao mesmo tempo (CORRÊA, 2003). Além disso, o Estado atua de modo a controlar quem pode, ou não, participar do processo de produção do espaço. Concomitante, o Estado controla o acesso ao espaço pelos outros agentes, ele próprio é controlado, na medida em que o Estado é constituído em uma sociedade capitalista de classes.

As ações do Estado, na configuração do espaço, possivelmente se encontram entrelaçadas com a questão do poder exercido frente aos mecanismos da sociedade. Castro (2010) evidencia a existência de três principais formas de poder: o poder despótico, o poder de autoridade e o poder político; mais uma vez o Estado se sobressai, pois se caracteriza fundamentalmente pelo poder político, poder este que pode englobar os outros dois. Desse modo, o Estado se encontra sob a égide das três formas de poder, o que pode explicar a magnitude do poder público na figura do Estado no que diz respeito à produção e controle do espaço.

Outro aspecto concernente ao espaço urbano, e que não pode ser deixado de lado, é a sua valorização. Em síntese, pode ocorrer tanto pelo uso, pelo valor de troca, localização e a proximidade com determinadas amenidades urbanas.

DO DISCURSO A PRÁTICA DOS MORADORES

Em linhas gerais, os moradores do Conjunto Residencial Londres demonstraram-se contentes com a moradia atual. Segundo eles, o “bairro” é muito bom, pois apresenta uma infraestrutura melhor em relação aos bairros que moravam anteriormente. Um exemplo disso é a presença de pavimentação asfáltica, como menciona o Morador 01: “Aqui onde nós moramos agora, nós levamos sorte, por que é tudo asfaltado, facilita para pegar o ônibus, não tem aquela poeira toda”. Além do asfalto (figura 02), os moradores comentaram que o fato do Residencial possuir linha de transporte coletivo, possibilita que tenham acesso fácil e rápido ao centro da cidade, bem como a equipamentos urbanos como hospitais, estabelecimentos comerciais, dentre outros.



Figura 02: Pavimentação asfáltica no Residencial Londres

Fonte: Autor, 2014

Entretanto, apesar das comparações dos moradores sobre as vantagens do morar atual em relação ao antecedente, quando pensam apenas sob a ótica de uma leitura estrutural, evidenciaram insatisfações com a ausência especialmente de escolas e postos de saúde. Pois, como afirma a moradora 03, “Meu filho continua estudando na escola onde nós morávamos, porque não conseguiu vaga na escola aqui perto, daí tem que pega ônibus e atravessa a cidade pra pode estudar”. Outro aspecto é a superlotação das salas de aula das escolas localizadas nos núcleos residenciais próximos, provocando problemas, em princípio, visto que as escolas não possuem espaço físico para atender toda a demanda de alunos. Além das questões estruturais, decorrem desse modo, prejuízos do ponto de vista do ensino-aprendizagem.

No que concerne à saúde, os moradores relatam que este é o problema mais grave enfrentado por quem reside no Londres, pois precisam sair do residencial para realizar consultas, ou buscar atendimento hospitalar em bairros distantes. De acordo com os moradores, a procura maior é pelo atendimento no Centro de Atendimento a Saúde (CAS) do Bairro de Uvaranas, por ser o mais próximo. No entanto, os moradores comentam que o CAS de Uvaranas não conseguia, anteriormente, atender nem os residentes do próprio bairro e agora com a fixação de pessoas no Residencial Londres, Panamá, e Costas Rica I, II e III, dentre outros residenciais construídos recentemente, o atendimento no CAS tem se tornado cada vez mais difícil.

Para marcar uma consulta, isso quando consegue, o morador precisa madrugar em filas. Um problema relatado pelos moradores é que, muitas vezes, não conseguem atendimento nos postos de saúde mais próximos por não possuírem cadastro, e acabam sendo obrigados a buscar atendimento em postos de saúde e hospitais de outras localidades ou do centro da cidade, como expõe a moradora 05: “Lá onde eu morava já não atendem mais, porque a gente não faz mais parte e aqui nos bairros próximos também não

atendem porque a gente não tem uma ficha, então a gente está aqui, simplesmente se precisar vai ter que ir para o centro, nos CAS de lá”.

No que tange às condições da moradia atual, os mutuários se demonstraram satisfeitos. Destacam que a casa quanto à estrutura é boa. Alguns relataram que algumas coisas pontuais deixam a desejar na estrutura, como o telhado, o qual foi alvo da maioria das reclamações. Segundo os moradores, as telhas utilizadas na cobertura não são de boa qualidade, o que faz com que em dias de chuva ocorram infiltrações. Entretanto, os moradores afirmam que este é um problema que pode ser resolvido e na medida do possível estão realizando a substituição dos telhados. Algumas famílias frisaram que a casa, apesar de pequena, possui um terreno relativamente grande, o que possibilita a sua ampliação de acordo com as flexibilizações dos programas de habitação pelos quais auferiram a casa (PROLAR e PMMV). O aumento das casas normalmente se configura pela construção de “puxadinhos”, cômodos erguidos geralmente por meio da autoconstrução. Esse exemplo pode ser constatado na figura 03 (observar a parede sem pintura e reboco).



Figura 03: Alterações promovidas pelos moradores nas casas do Residencial Londres

Autor: 2014

Sobre o processo de aquisição da moradia, os mutuários comentaram que foi relativamente fácil e rápido. Como afirmam as moradoras 02 e 08 respectivamente: “Para receber a casa aqui não foi demorado, o processo todo acho que demorou uns três anos, eu achei que foi bem rápido”. *“Demorou cerca de dois anos pra nós ganhá a casa, foi bem rápido, entramos com o pedido e logo recebemos a casinha”*.

Descobriu-se, no decorrer das entrevistas, que uma das estratégias utilizadas para facilitar o processo de aquisição do imóvel consistia em colocar o nome da mulher/esposa como titular, ou ainda, declarar a

esposa como responsável pelo sustento familiar. Inserir o nome da esposa enquanto a responsável pela unidade familiar tem sido uma tática exitosa, pois o PMMV trabalha com duas frentes no que se refere à ordem de prioridade para o recebimento de moradias financiadas através do programa. Uma dessas frentes trata-se de famílias residentes ou que tenham sido desabrigadas de áreas de risco ou insalubres, já a outra frente, ou critério, consiste justamente em famílias em que a mulher é a responsável pela unidade familiar.

DAS EXPERIÊNCIAS DO MORAR ANTECEDENTE AO ESPAÇO VIVIDO ATUAL DOS MORADORES

Os moradores do Residencial Londres apresentam diferentes origens no que concerne ao local de moradia anterior, ou seja, as famílias moravam em diversos bairros da cidade de Ponta Grossa. Entretanto, dentre os entrevistados, foi constatado redundância nos bairros de moradia antecedente entre os moradores. Os principais bairros/núcleos enunciados como locais de moradia antecedente foram: Santa Mônica, Vila Cipa, Jardim Explanada, Ronda, Vila Belém, Vila Cristina, Baraúna, Bocaína e Sabará.

Assim como os moradores apresentaram diferentes origens quanto a local de moradia anterior, o mesmo é válido para o tipo de moradia (cedida, alugada, ocupação irregular) e as condições de habitabilidade. Como pode ser verificado no quadro 01.

Quadro 01. Local de moradia; Tipo de moradia; Condições de habitabilidade

Morador	Local de moradia anterior	Tipo de moradia anterior (cedido, alugada, ocupação irregular)	Condições de habitabilidade (boa, regular, precária)
01	Santa Mônica	Alugada e ocupação irregular	Precária
02	Ronda	Alugada	Regular
03	Coronel Cláudio	Cedida	Regular
04	Jardim Explanada	Cedida	Boa
05	Santa Mônica	Alugada	Boa
06	Vila Cipa	Cedida	Boa
07	Vila Cristina	Alugada	Regular
08	Baraúna	Cedida	Precária
09	Sabará	Cedida	Boa
10	Bocaína	Alugada	Boa

Fonte: Trabalhos de campo (2014). Org.: Autores, 2014.

Em consonância com o diálogo efetuado com o morador 01, ter recebido a casa no Residencial Londres foi a melhor coisa que poderia lhe ter acontecido. O mesmo, disse que as condições em que morava anteriormente eram horríveis. A antiga moradia, além de ser alugada, era precária, encontrava-se em proximidade com a rede de esgoto a céu aberto, em dias de chuvas intensas o esgoto era drenado naturalmente pelo solo e passava embaixo do assoalho da casa. Além disso, animais peçonhentos como aranhas e escorpiões buscavam abrigo durante a noite e, em dias chuvosos, adentravam na casa, como pode

ser notado no fragmento de sua fala: “Eu amanhecia sentado na beira da cama, com frio, ela deitava e dormia e eu falava como que eu vou deitar em paz com esse monte de bicho peçonhento”. Segundo o morador, a presença de animais, principalmente aracnídeos, lhe causava muito incômodo, pois não conseguia dormir, tinha que acordar cedo, mas também vigiar a esposa e o filho recém-nascido. Para isso, não contava sequer com uma lanterna, a vigilância ocorria com o auxílio da luz de um aparelho celular, dos mais antigos, como frisou o morador.

A moradora 04 considerava sua condição de moradia anterior boa, no entanto, a casa em que morava era de seus pais. Como seu pai já era falecido havia uma insegurança em relação à permanência na residência. Sua mãe também já era bem idosa e, se por ventura viesse a falecer, a moradora relata que seus irmãos reivindicariam a casa como herança e ela ficaria sem ter onde morar, pois mesmo recebendo uma porcentagem do valor da casa como parte da herança, no caso da possível venda, não teria condições de arcar com o restante das prestações de um imóvel que eventualmente comprasse no mercado imobiliário convencional. Assim, a moradora relata ter sido uma “benção” a contemplação do sorteio para receber a casa no Residencial Londres.

Caso semelhante ao da moradora 04, ocorreu com o morador 06, que expôs o seu contentamento por ter auferido a residência, pois antes morava com a sogra. O morador relatou que, apesar das boas relações com os familiares de sua esposa, receava sobre possíveis conflitos que poderiam acontecer futuramente. Em redundância com a moradora 04, o morador 06 destaca a impossibilidade de pagar as parcelas do financiamento de uma casa em decorrência da questão salarial.

Fato interessante exposto através da realização das entrevistas, foi que considerável parcela dos mutuários não são naturais de Ponta Grossa-PR. Entre os que concederam entrevista, quatro moradores revelaram ser naturais de cidades vizinhas de Ponta Grossa e dois são naturais do estado de São Paulo. Quando questionados sobre os motivos que os levaram a morar em Ponta Grossa, a resposta foi comum a todos: mais oportunidade de emprego e, conseqüentemente, a busca por uma vida melhor.

Eu lido com eletrônicos, mas já trabalhei de muita coisa na vida, na minha cidade (Palmeira) tem pouca oportunidade, a cidade é menor, não tem serviço, muita coisa tem que vir ser resolvida aqui em Ponta Grossa, por isso quis sair de lá e não me arrependo não. (morador 03).

Ponta Grossa é, segundo os moradores, a principal alternativa para as pessoas que moram nas cidades menores que a circundam, pois é a maior cidade da região. Denominada Campos Gerais do Paraná, apresenta mais indústrias, comércio, serviços e, conseqüentemente, maior oferta de empregos em relação às cidades vizinhas. As cidades que os moradores mencionaram como cidade de origem são: Palmeira, Imbituva, Irati (PR) e Capão Bonito (SP).

No discurso dos moradores, pareceu inevitável surgir comparações das moradias atuais com as anteriores. Foi perceptível a constante contraposição, não apenas com a moradia, mas também com o bairro

e elementos considerados ruins no morar anterior, como problemas relacionados com infraestrutura em geral, falta de saneamento, inundações, lixo, entre outros. “A casa em que eu morava dava pra enxergar pelo assoalho lá em baixo, um esgoto no fundo. Sei que graças a Deus eu fui abençoado de receber essa casa”, fala do morador 01.

Algo que chamou a atenção foi que, antes do início das entrevistas, cogitava-se que a relação com os vizinhos poderia consistir num fator de resistência dos moradores com a espacialidade de moradia anterior, isto é, alguns moradores poderiam não querer deixar a moradia para se mudar para o Residencial em função das relações tecidas com a vizinhança. Esta ideia surgiu a partir do pressuposto de que boas relações com a vizinhança pode configurar um estado de pertencimento a determinado lugar, não obstante, relações conflituosas com os vizinhos podem gerar discórdias e desconforto entre os moradores, fazendo com que não se sintam como parte daquele espaço e tenham, inclusive, vontade de mudar. Mas, ao contrário do que se imaginava, preliminarmente, os moradores afirmam possuir excelentes relações com a vizinhança atual. Alguns lamentam a perda da relação cotidiana com antigos vizinhos, porém, segundo os entrevistados, a relação com os antigos vizinhos não foi algo que os prendeu à moradia anterior. Dentre os dez entrevistados, sete dizem ter melhor relacionamento com os vizinhos atuais do que com os anteriores, inclusive, pode-se constatar o sentimento de solidariedade, cooperação e ajuda mútua entre os moradores.

A relação com os vizinhos é a melhor possível, bem melhor que antes. Esses tempos falei com a minha mulher, meu vizinho veio aqui na cerca, me chamô, disse olha rapaz tô passando dificuldade, tô sem nada, ele tem uma menina do tamanho do meu piá e outro menorzinho, rapaz do céu estou passando necessidade só mexo com eletrônicos e tal. Aí me lembrei que quando eu precisava, a mãe dela (referência a sua sogra) fazia um sacolão, eu botava no meu carrinho e ia faceiro embora, pelo menos tinha o que comer, aí pensei no estado dele aí, pensei que um dia passei por essa situação, que nem hoje eu ganho bem, tenho do bom e do melhor, na minha geladeira tem coisa que estraga, fica ali, falei pra ela antes que estrague, ponha numa sacola fechada pra não dar muita visão, chamei ele, a gente tem que ser prudente também nesse ponto né, falei: Ó está aqui, os vizinhos até agora não me incomodam não, na verdade me damos muito bem com todos os vizinhos (morador 01).

Os moradores afirmam que se veem enquanto pessoas pertencentes ao Residencial Londres, pois em geral, o morar antecedente era instável, a maioria era inquilino ou utilizava de moradias cedidas, etc. No residencial, os moradores apontam para uma ideia de comunidade, onde todos fazem parte, algo que também em tempos anteriores não era possível. Nesse aspecto, há uma correlação entre as teorias da produção do espaço urbano expostas no artigo, no tocante a produção estrutural dos aspectos que são apontados pelos moradores enquanto as dificuldades de residir no Londres. Por outro lado, a experiência vivida, a instabilidade da moradia anterior, ou mesmo a dependência de uma solidariedade orgânica, são aspectos que direcionam para a construção de uma “identidade” (ser do Londres), pela constituição de um sentimento de pertencimento, tanto com as relações sociais tecidas na espacialidade como os atributos do quadro ecológico que integram (CASTELLS, 1983).

No que se refere à integração social com o novo local de moradia, assim como a criação do sentimento de pertencimento, notou-se nas atividades de campo *in loco*, diferenças quanto à faixa etária.

Eu e meu marido logo nos acostumamos, praticamente não sentimos diferença nenhuma, com relação a vizinhança nada mudou.(...) Eu se sinto bem melhor aqui no Londres na casa do que na casa antiga em que eu morava. Na casa em que morava lá no Esplanada já era acostumada a morar lá, mais não gostava tanto como o Londres. (...) o problema foram meus filhos, eles não gostaram de mudar pra cá, meu filho que tem 19 anos ficou 2 meses e voltou lá pra onde nós morava antes, aqui ele dizia que não tinha nada, não tinha o que fazer (afirmações da moradora 04).

Ainda em consonância com a moradora, as crianças e os adolescentes têm maiores dificuldades de integração pela ausência de escolas, pois além de ter a função de promover o ensino de conteúdos técnico-científicos, ela exerce também a socialização tanto dos alunos como da comunidade em geral.

No caso das crianças e dos adolescentes, é nesta fase que ocorre o processo de compreensão do espaço, o qual se encontra intimamente relacionado com os sentimentos e aceção do outro. É neste período da vida que o indivíduo passa a compreender o espaço além da materialidade. De tal modo, o espaço se encontra ligado estreitamente aos sentimentos, simbolismos e emoções (TUAN, 2013). Dessa maneira, os processos intersubjetivos de compreensão espacial são condicionados pelos fundamentos estruturais da produção do Residencial (Londres, em específico), pois o Estado (PROLAR, PMMV) concebeu sua construção dentro da lógica do valor da terra urbana, em que mesmo com o contentamento dos residentes entrevistados em relação à moradia, o asfalto, etc., existem várias evidências de um processo de segregação socioespacial, como já destacado em termos teóricos neste artigo, visto que não houve prioridades de adensamento populacional em correspondência harmônica com dimensões espaciais da sociabilidade (ver também na figura 02 que o residencial constitui-se na franja do perímetro urbano do município de Ponta Grossa).

Fato interessante, ainda no que concernem aos tensionamentos entre as dimensões estruturais da produção do espaço urbano e as leituras intersubjetivas centradas nas apreensões dos moradores, foi a concepção de uma *ideia de governo*, ou seja, enquanto elementar força atuante na construção da cidade. A ideia de Governo surge no discurso dos moradores ao passarem por programas sociais de habitação, nesse caso específico o PMMV (Governo Federal). De acordo com os mutuários, o Governo é representado pelos políticos, geralmente pessoas ricas que orientam o que pode ou não ser feito em uma cidade, desse modo, são também no ponto de vista dos moradores, os principais responsáveis pela construção do espaço urbano.

Ainda sob a ótica dos mutuários, *tudo funciona conforme o governo*.

Caixa, banco, tudo no mundo em que nós vivemos é manuseado pelo governo, as pessoas montam na casa bar, mercearia, mais tudo é movimentado pelo governo, o governo e o setor privado embora digam ser coisas diferentes são, hoje, a mesma coisa (Morador 01).

Dessa forma, os moradores demonstram ter um conhecimento crítico sob a produção da cidade, pensada como fruto de uma trama de relações, não apenas por agentes individualizados. Demonstram entender a existência de uma interdependência entre as pessoas que produzem o espaço urbano (CRIST, 2014).

O nível de compreensão dos moradores do Residencial Londres acerca da construção do espaço urbano e da cidade em geral, assim como a ideia que possuem de política e governo, além de refutar uma aceção causalística, evidencia a compreensão de que o espaço não é contido apenas por coisas e objetos, mas sim, uma realidade relacional (SANTOS, 2001 *apud* MOTTA, 2003).

Em concordância com a compreensão e discurso dos mutuários, o espaço assume relevância para o ser humano, enquanto uma instância de integração social e ao mesmo tempo de compreensão de “si” na experiência vivida na cidade. Pois, concomitante ao desenvolvimento coletivo, enquanto indivíduos sociais, os moradores estabelecem suas relações, criam e entabulam sentimentos com o espaço, seja pela afetividade ou desafeto (MOTTA, 2003).

Os moradores do Residencial Londres se demonstraram conscientes da construção social da realidade, dos seus papéis e funções na produção do espaço da cidade capitalista. Veem-se enquanto integrantes de um processo, através da experiência do morar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela explorou as experiências de habitações dos atuais moradores do Conjunto Residencial Londres em Ponta Grossa-PR. Nesse aspecto, evidenciou-se um condicionamento material das suas existências, mediante algumas nuances de segregação residencial, promovidas pelo Estado (elementos estruturais). Por outro lado, a habitação (casa) em si revelou-se enquanto uma possibilidade de apreensão parcial, aspecto que extrapolamos para a ideia do *morar*, fundamentando uma dimensão espiralada entre as residências habitadas, ações de conquistas da moradia e a integração social fundamentadas espacialmente.

No cenário de uma cidade de porte médio (Ponta Grossa), a construção de moradias populares tem se tornado cada vez mais evidente. Ainda que possam existir discordâncias sobre os propósitos de tais empreendimentos, a obtenção de lucro pelas construtoras, legitimação social pelo Estado, etc., demonstrou-se relevante que a experiência da cidade, figurada pelos moradores, são entrecruzadas pelas objetivações dos agentes produtores do espaço urbano, assim como os mutuários apropriam-se desse espaço por outras valorações.

Assim, as áreas de moradias (populares no estudo de caso) assumem relevância no contexto urbano das cidades em que o morar consiste num caso particular, implica relações entre pessoas que compartilham um espaço de vivência e, conseqüentemente, uma apreensão diferenciada da cidade capitalista. Longe de relativizar as condicionantes estruturais, o intuito foi de complexificar a leitura social da produção do espaço urbano. Estar no Residencial Londres revela uma dimensão pragmática, o uso habitacional. Na medida em que os moradores relatam como positivos os seus círculos de intersubjetividades (vizinhos), valoram as suas casas mediados pelas agruras de experiências anteriores, criam tramas relacionais-locacionais constitutivas

do ser-do-Londres – de pertencimento. Constituindo uma faceta que não se esgota na crítica das deficiências de infraestrutura, mas possibilitam um horizonte de luta pela melhoria das condições existenciais.

Notaram-se também, no discurso dos entrevistados, elementos intangíveis que configuram o cotidiano, tais como a solidariedade com o outro, fundada na dificuldade já experienciada. Por fim, ainda que condicionados por uma relação subordinada com o Estado, os moradores evidenciaram pela própria experiência material que possuem uma leitura politizada da produção do espaço urbano na cidade capitalista, ou seja, fruto de uma trama de relações e intencionalidades não sendo, dessa forma, mero produto do acaso.

REFERÊNCIAS

ALBET I MAS, A. Valoració dels lligams entre Geografia radical i Geografia humanística. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, Barcelona, n.13, p.05-18. 1988.

ALMEIDA, M. G de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Geonordeste**, Aracaju (edição especial), ano XIX, n.1, p.33-54, julho de 2008.

BAUER, M. W; GASKELL, G (orgs). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.p.165-193.

CARLOS, A. F. A. A **(RE) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008. 272 p.

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 590 p.

CASTRO, I. E de. **Geografia e Política: territórios, escalas de ação e instituições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 304 p.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003. 94 p.

CRIST, P. **Experiência e o morar na composição do espaço vivido dos moradores do Residencial Londres em Ponta Grossa-Pr**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Licenciatura em Geografia). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014. 82 fh.

- DIAS, V. L. N. A Moradia Popular e o “Morar Bem” no Sul do Brasil: entre a realidade e o sonho. In: **Anais do 1º Colóquio Nacional do NEER**. Curitiba, 16 e 17 de novembro de 2006. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/vera-dias.pdf>. Acesso em 12 dezembro de 2013.
- FARIA, G. S. M; CALIXTO, M. J. S. Ocupação “irregular”: a outra faceta do processo de apropriação do espaço urbano. In: CALIXTO, M. J. M. S. (org). **O Espaço Urbano em Redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. Dourados, MS: UFGD, 2008. p.121-146. Disponível em: http://www.clacso.org.ar/libreria_cm/archivos/pdf_99.pdf. Acesso em 20 de abril de 2014.
- GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W; GASKELL, G (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.244-270.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 368 p.
- GUIMARÃES, R. B; VIEIRA, A. B; NUNES, M. Cidades médias: territórios da exclusão. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n.4, p.267-287, 2005.
- LIMA, E. L. de. **Encruzilhadas geográficas: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 390 p.
- MASSEY, D. B. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.
- MOTTA, M. F. **Espaço Vivido/Espaço Pensado: o lugar e o caminho**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 160 fh.
- NASCIMENTO, E. **Espaço e Desigualdades: mapeamento e análise da dinâmica de exclusão/inclusão social na cidade de Ponta Grossa - PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2008. 173 fh.
- PMPG (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa) (*Fonte consultada, mas não citada*).
- PROLAR. Caracterização da População beneficiária. Ponta Grossa: PROLAR, 2013. (*Fonte consultada, mas não citada*).
- PROLAR. Perfil Socioeconômico das famílias do Residencial Londres em Ponta Grossa – PR. Ponta Grossa: PROLAR, 2013. (*Fonte consultada, mas não citada*).
- SANTOS, C.N.F dos; VOGEL, A (coord). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3 ed (Revisada e atualizada). São Paulo: Projeto, 1985. 152 p.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 6 ed (1 reimpressão). São Paulo: EDUSP, 2008. 236 p.
- TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.